

DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA* DE FLORESTAN FERNANDES

Elogio do Candidato proferido pelo Prof. Doutor Carlos Fortuna

Magnífico Reitor,
Excelentíssimo Senhor Embaixador do Brasil em Portugal,
Senhor Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Economia,
Senhores Doutores,
Senhores Assistentes e Investigadores,
Senhores Estudantes,
Senhores Funcionários,
Senhoras,
Senhores:

Eis-nos numa cerimónia ritualista carregada de valor simbólico. O valor simbólico dos rituais e da cerimónia, de resto como o valor simbólico das coisas simples, reside justamente nos efeitos reais que produzem sobre a forma de estar e de pensar dos grupos e das comunidades que os celebram. A celebração, qualquer celebração, é por natureza o acto em que simbolicamente o passado e o futuro se reúnem no presente. Desta junção, grupos e comunidades procuram conferir-se coesão, demonstrar vitalidade e projectar-se no futuro. A celebração é sempre uma auto-celebração. É por isso sempre um acto de grande brilhantismo, de elevado esplendor. A celebração é uma festa.

Trago aqui comigo a inspiração de um notável pensador, Henri de Saint-Simon, um homem que viveu dilacerado pelos avanços e as incapacidades desse momento alto da civilização moderna que foi a Revolução Francesa de 1789. Para Saint-Simon, é preciso que a civilização saiba celebrar, que celebre e se celebre,

nas festas da lembrança e da esperança. Que nas festas da lembrança, a civilização reconheça e se reconheça no seu passado e na sua tradição. Que nas festas das esperanças, resgate quanto de novo existe na tradição, o enalteça e projecte no futuro.

O acto em que participamos é uma dessas festas revigorantes. Misto de lembrança e de esperança, esta cerimónia ocorre quando a Universidade de Coimbra, e nós com ela, celebramos o seu 7^o centenário. Este acto simbólico é, pois, uma festa dentro de outra festa. O que de imediato nos congrega aqui é o desejo de consagrar a obra de um homem e de um sábio cujo exemplo queremos transportar connosco no futuro. Florestan Fernandes, aqui ritualmente solicitante, encarna o espírito Universalista de que a Universidade não pode abdicar para se cumprir.

Universitas traduz-se também numa forma específica de comunidade cultural, o que significa um espaço social onde, simbolicamente, homens, comunidades e instituições oferecem e recebem. Solicitante, Florestan Fernandes oferece à Universidade de Coimbra o seu nome e o seu saber, a sua tenacidade, virtude democrática e espírito lutador. Solicitada, a Autoridade Académica honra-se na outorga do grau de Doutor ao Professor Florestan Fernandes.

O acto em que nos reunimos é, pois, uma consagração mútua, de que todos somos simultaneamente participantes activos e testemunhas. Não posso, por justiça histórica, no entanto, deixar de mencionar duas testemunhas privilegiadas.

Vem Florestan Fernandes pela mão apresentante de um outro sábio e lutador: o Professor Boaventura de Sousa Santos. Um homem e um intelectual que esta Universidade bem conhece e com quem me honro de vir a partilhar uma intensa vida

académica, desde há só ainda 14 anos. Mestre de fina e inspiradora inteligência, colega sempre disponível e amigo, escritor brilhante, o Professor Boaventura de Sousa Santos, honra-me testemunhá-lo, é o pensador para quem a ideia de Universidade só pode ser a da Universidade de Ideias. Que ideias? As ideias produzidas na liberdade e autonomia do pensador; ideias futurantes perante as quais soçobram barreiras de preconceitos, dogmatismos e unilateralidades; ideias simples no seu rigor, quiçá ingénuas na sua profundidade; ideias que dão respostas, mas nos inquietam, porque sabem interrogar.

É este pensador, cujo perfil científico, intelectual e humano acabamos de ver traçado pelo Professor José Veiga Torres, que convida a Universidade de Coimbra, pela sua Faculdade de Economia e em nome da jovem Licenciatura em Sociologia a prestar homenagem a um dos mais prestigiados cientistas sociais brasileiros, por certo de todo o continente latino-americano e, não receio dizê-lo, de toda a comunidade científica internacional : o Professor Florestan Fernandes.

A segunda testemunha privilegiada deste nosso acto é a comunidade de cientistas sociais de língua portuguesa, largamente representada nesta sala e que, em boa hora, a Universidade de Coimbra e o Centro de Estudos Sociais da sua Faculdade de Economia conseguiram fazer reunir no 1º Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, a decorrer.

Nascido em 1920, o Professor Florestan Fernandes, talvez Vicente em determinado momento da sua vida, iniciou a sua actividade universitária em 1941 como estudante de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Licenciado em 1944, prosseguiu os seus estudos numa pós-graduação em Sociologia e Antropologia. Obteria o grau de mestre em 1947, com um trabalho editado no ano

seguinte sobre *A Organização Social dos Tupinambá*, o primeiro dos seus mais de trinta livros publicados. Este estudo cedo se tornou um clássico numa área de fronteira entre a Etno-Antropologia e a Sociologia. Trata-se de um ensaio onde se combinam, sob notável rigor científico, a imaginação sociológica, os métodos de pesquisa etno-documental e a teoria antropológica. Foi na transgressão teórico-metodológica, isto é, no desrespeito consciente das fronteiras disciplinares de cada uma destas áreas do conhecimento, que o jovem mestre pôde reconstituir as formas de vida e de organização social de uma comunidade índia então já desaparecida, a partir de testemunhos fragmentários, limitados e dispersos.

A sociedade dos Tupinambá, mais concretamente, *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*, continuaria por mais alguns anos a captar a paixão pelo saber do Professor Florestan Fernandes, conduzindo-o à obtenção do grau de Doutor em Sociologia no ano de 1951, com provas prestadas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da mesma Universidade de São Paulo.

Tendo alcançado o cargo de livre docente em 1953 com *Ensaio sobre o Método de Interpretação Funcionalista na Sociologia*, o professor que há muito granjeia já a estima e a admiração dos seus pares e dos seus estudantes, acede à categoria de Professor Catedrático em 1964 com a apresentação do seu trabalho intitulado *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*.

De estudante a catedrático, passando pela sua experiência iniciática como assistente do Professor Fernando Azevedo, vão-se sobrepondo criativa e naturalmente, quase diria geologicamente, camadas sucessivas de acontecimentos, de linhas de orientação teórica, de perspectivas de análise e de crítica social que

produzem, na harmonia dos seus choques, o professor e o intelectual amadurecido que temos hoje connosco.

O Florestan dos anos 40 é o estudioso entusiasta, o jovem ávido da leitura e do saber, o espírito intranquilo do intelectual em formação. Nos anos 50, Florestan é o apanágio do cientista e do investigador social que busca um conhecimento aplicado, e que exige de si próprio uma manipulação rigorosa dos instrumentos de análise metodológica, conceptual e teórica. Os anos 60 são para Florestan Fernandes os anos do amadurecimento do intelectual, a década da radicalização do pensamento e da junção frutuosa da ciência e da política num único e coerente corpo teórico.

Gostaria de fazer ressaltar o papel do Professor Florestan Fernandes na fundação da sociologia moderna brasileira, isto é, na sua institucionalização enquanto disciplina académica. Tarefa, reconheçamos, simultaneamente ingrata e monumental. Ingrata, desde logo pela ausência de tradição sociológica na academia brasileira. A Sociologia, no Brasil de meados deste século, encontra-se dispersa em forma magmática por entre os estudos literários, históricos, etno-antropológicos e económicos. O Professor Florestan Fernandes cedo se abriu ao confronto e ao diálogo com a obra empolgante da *intelligentsia* brasileira sua contemporânea, onde sobressaem, entre muitos outros, os nomes de Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda e o seu inseparável companheiro intelectual e amigo de todas as horas António Cândido.

Ingrata ainda esta tarefa de conferir estatuto próprio à Sociologia no Brasil porquanto subsidiária do trabalho árduo de recriação conceptual, metodológica e teórica. Florestan Fernandes, com um sentido profundo da realidade sócio-histórica

brasileira, logo se deu conta de que esta não se compaginava com os instrumentos teóricos e analíticos oriundos de sociedades radicalmente tão diferentes da sua como as sociedades europeias mais desenvolvidas ou os Estados Unidos da América onde a Sociologia mais tinha progredido, e donde vinham as suas fontes de inspiração. O Professor Florestan Fernandes entregou-se denodadamente ao estudo aturado e à reflexão crítica das obras e dos autores mais exemplares da Sociologia clássica, procurando resgatar-lhes os elementos mais criativos que, uma vez reconvertidos, melhor poderiam servir à compreensão da sociedade brasileira.

A constituição da Sociologia no Brasil foi ainda o resultado do talento do Professor Florestan Fernandes e da mestria ímpar com que soube manusear o cadinho onde se misturaram contribuições dos mais ilustres autores nacionais e estrangeiros, clássicos e modernos, da Sociologia, da Antropologia, da História, da Economia e da Literatura.

A monumentalidade deste empreendimento não pode, em boa razão, ser obra de um homem apenas. Mesmo que esse homem se chame Florestan Fernandes, a carta de alforria da Sociologia brasileira foi também certificada por outros pensadores. Colegas, discípulos, estudantes e seguidores de Florestan Fernandes, alguns dos quais numa ou noutra destas condições, nos honram com a sua presença nesta sala, contribuíram também eles para a constituição e desenvolvimento da chamada Escola de Sociologia de São Paulo, cuja identificação de patrono e *alma mater* o Professor Florestan Fernandes sempre rejeita com injustificada modéstia. Florestan Fernandes é o inspirador de um grupo de notáveis cientistas sociais a quem foi fornecendo um instrumental teórico-interpretativo novo face ao qual a sociologia e os sociólogos brasileiros não pararam ainda de se

referenciar, quer para o continuar quer para dele se distanciarem. É isto que faz das obras, obras nobres!

O resultado de toda esta entrega espraia-se por uma diversidade de livros publicados e republicados no domínio específico da teoria e da reflexão sociológica. São exemplos mais ilustrativos, para além de inúmeros artigos em revistas especializadas, os seus *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*, (de 1960), *A Sociologia numa Era de Revolução Social* (1962), *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica* (1967), *Elementos de Sociologia Teórica* (1970); *A Sociologia no Brasil* (1977).

Pode-se dizer que quanto mais aprofunda o seu conhecimento, mais o Professor Florestan Fernandes alarga os seus objectos teóricos. Quanto mais especializa o seu saber mais diversifica os seus interesses. Quando em meados dos anos 40, o Professor Florestan Fernandes se concentra no estudo da sociedade dos Tupinambá, está a iniciar-se na sociedade brasileira uma profunda transformação social. A industrialização surge tão imparável como desordenada, as migrações internas intensificam-se, as cidades rompem-se. Definem-se novos e transfiguram-se os velhos confrontos sociais, surgem novas classes, ensaiam-se novas fórmulas de governação. Como poderia o sociólogo Florestan Fernandes ser indiferente a esta profunda transformação social? Novas áreas de interesse se perfilaram no horizonte do seu trabalho: por exemplo, a questão racial e a integração do negro numa sociedade dominada por brancos; a questão urbana que, em conexão com a primeira, fomentou a rica colaboração com Roger Bastide; e, por último, a questão da educação. De novo, o espírito empreendedor do cientista se plasma na produção de obras de raro talento. Para mencionar apenas alguns dos seus trabalhos, referirei *Negros e Brancos em São Paulo*, em colaboração com Roger Bastide (1959);

Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo (1961); *Educação e Sociedade no Brasil* (1966).

São obras marcantes de uma época, interligadas pela preocupação teórica sobre a questão da integração social num país profundamente dividido e da mudança numa sociedade marcadamente anquilosada. São trabalhos onde o autor parece confiar exageradamente na solução científica e na engenharia social para a eliminação das desigualdades sociais manifestas, a prevenção dos conflitos e a construção de um espaço público democrático. Positivismo científico que seja, não é, com certeza, ingenuidade política o que encontramos nos escritos de Florestan Fernandes dos finais dos anos 50 e menos ainda nos anos subsequentes.

Numa época de profunda transformação social, de intenso debate de ideias, de repetidas experiências políticas, aquilo que com os olhos críticos de hoje poderíamos considerar tratar-se de uma crença positivista exagerada, não passa de um agudo sentido de realismo político. É este que delimita o belo quadro de propósitos que o cientista social arquitecta para a sociedade brasileira e que se pode resumir na identificação e denúncia das suas deficiências e bloqueios, à procura de soluções social e culturalmente adequadas e flexíveis, mediadas por uma educação libertadora dos grilhões da ignorância e insegurança colectivas, da servidão e da miséria moral e material.

A obra de Florestan Fernandes sobre a educação e o papel da Universidade é uma espécie de *Encyclopédie* actualizada. Como Diderot e D'Alembert, também o Professor Florestan Fernandes teve que sistematizar o conhecimento disponível para poder propor soluções para uma educação redentora, inimiga do obscurantismo e da tacanhez dos espíritos. Como os educadores de há duzentos anos, também

este homem faz soar a sua voz autónoma e a rebeldia do seu pensamento. Como eles, também Florestan Fernandes é um revolucionário.

Revolveu mundos e fundos no seu empenho na Campanha em Favor da Escola Pública de finais dos anos 50 e princípios dos 60. Fez despertar e consciencializou um país inteiro para os problemas educacionais e a necessidade inadiável de democratizar o ensino e fazer avançar a ciência. Os seus escritos sobre a educação e a Universidade, alguns dos quais compilados em *Educação e Sociedade no Brasil*, da mesma forma que influenciaram e agitaram o movimento estudantil brasileiro da época, foram, igualmente e em boa hora, lidos por estudantes de Coimbra em saguões e Repúblicas desta cidade que neles buscaram inspiração para gerir a chamada crise académica de 1969.

No decurso da sua cruzada, Florestan Fernandes endureceu posições, radicalizou o discurso e incomodou o poder. O autoritarismo político e militarista, como qualquer autoritarismo, na sua arrogância, lida mal com as questões da educação, do conhecimento e da Universidade. Em 1969, o notável Professor foi compulsivamente afastado da Universidade e o cidadão democrata sujeito, como outros aliás, a um degradante semi-exílio. Pôde então aceitar o prestigiante convite para leccionar na Universidade de Toronto, que abandonaria já com *tenure* guiado pela indomável vontade do político e a necessidade do cientista de estar perto do seu objecto de intervenção - a sociedade brasileira. Voltaria a experiências internacionais mais curtas como *Visiting Professor* das Universidades de Columbia e Yale. Não fora o facto de algumas das suas obras terem então já sido traduzidas para as línguas inglesa, alemã, francesa e castelhana, e dir-se-ia que, por ironia, era o afastamento compulsivo da Universidade brasileira que projectava Florestan Fernandes para o reconhecimento académico internacional.

Sempre devotado às suas tarefas de pedagogo e investigador, Florestan Fernandes nunca abdicou, antes foi reforçando, a sua acção política, que o levaria até à eleição como deputado federal em 1987. São deste período maduro obras como *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento* (1968), *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*, em colaboração com Alain Touraine e Nicos Poulantzas (1973), *Circuito Fechado* (1976), *A Condição de Sociólogo* (1978), *A Natureza Sociológica da Sociologia* (1980) e essa notável radiografia da história política e social do Brasil que é *A Revolução Burguesa no Brasil* (1975). São todas obras de elevado recorte intelectual onde se combinam, num elegante figurino teórico-metodológico, perspectivas subsidiárias tanto do paradigma positivo-funcionalista com do paradigma marxista.

Como um todo, para o Professor Florestan Fernandes, a ciência é presciência. Aplicada à Universidade a sua concepção do devir é a de pôr a Universidade à frente de si própria. Trata-se de um processo que pode ser pensado como uma sedimentação do saber escrupulosamente ordenada pelos ditames do pensamento sociológico livre, autónomo e não-convencional. Ora todo o pensamento não-convencional é, por natureza, um pensamento crítico e radical. Essa é, aliás, a quinta-essência do saber intelectual do Professor Florestan Fernandes. Um saber crítico, na medida em que conhece os limites da sua crítica. Um saber radical, na medida em que procura fundar em realismo a utopia que transporta.

Magnífico Reitor,

Se a Universidade, para ser democrática, para irradiar conhecimento e participar na construção do futuro, pode e deve ser pensada à medida dos homens

de saber e de virtude e à medida dos seus anseios, a Universidade de Coimbra só pode honrar-se ao outorgar o grau de Doutor a este sábio e lutador cidadão que é Florestan Fernandes. É um acto de justiça e é da nossa honra que vos digneis, enquanto supremo representante eleito desta Universidade, cobri-lo com os nossos símbolos doutorais, em sinal de renovação e engrandecimento do seu espírito democrático e universalista.

Se esta é realmente uma festa dentro da festa, deixemos que o espírito de virtude, o carácter e a personalidade de Florestan Fernandes, os seus notáveis ensinamentos, a sua entrega total à luta pelo progresso da humanidade passem a constituir também simbolicamente, porque já o são na realidade, parte do património cultural com que a Universidade de Coimbra imagina o seu futuro, na celebração do seu sétimo centenário.

Coimbra, Sala Grande dos Actos

4 de Julho de 1990